

Entre a maternidade e a prostituição: identidade feminina e relações de poder em “A chave do amor” de Assis Brasil

Rita de Cássia Barros Assunção
FAI

Resumo: “A chave do amor” de Assis Brasil é o conto central do volume *A chave do amor e outras histórias piauienses*, onde o autor reúne algumas histórias ambientadas em Parnaíba, sua cidade natal. O conto narra a história de Das Dores, uma prostituta que viveu entre a maternidade e a prostituição – duas identidades polarizadas. A trama é fortemente marcada por relações de poder através das quais se observa a definição de posições ocupadas pelos sujeitos e a demarcação de fronteiras entre excluídos e incluídos. No cerne dessa questão, objetiva-se mostrar como a identidade feminina é construída dentro das relações de poder. Essa análise está alicerçada no conceito de poder de Foucault e nos conceitos de identidade de Stuart Hall, Zygmunt Bauman, e nos estudos críticos de Tomaz Tadeu da Silva, Kathryn Woodward, Sandra Azerêdo, Guacira Lopes Louro, Antonio Carlos Ciampa e outros. Apesar da representação social da mulher na sociedade figurada, utilizou-se como teórico principal Serge Moscovici. Na metodologia, adotaram-se o método crítico – analítico e a pesquisa bibliográfica, a fim de apontar a relação intrínseca que há entre as formas de exercício do poder emanadas pela personagem principal para resistir às imposições da sociedade e às exclusões sociais e a construção de sua identidade feminina no *corpus* da análise.

Palavras – chave: Identidade Feminina. Maternidade. Prostituição. Relações de Poder.

Abstract: *The chave do amor of Assis Brasil is central short story of A chave do amor e outras histórias piauienses, where author collect some history of the Parnaíba, your home town. The short story narrate Das Dores' history, a prostitute what lived between maternity and prostitution – two extreme identity. The history is strongly fix by relations of power through watch definition of positions occupy subjects and the delimitation of border between excluded and included. In this question, to achieve show the construction the feminine identity in of relations of power. This analysis is support in the concept of power of Foucault and in the concept identity of Stuart Hall, Zygmunt Bauman and critical studies of Tomaz Tadeu da Silva, Kathryn Woodward, Sandra Azerêdo, Guacira Lopes Louro, Antonio Carlos Ciampa and others. About the social representation of woman in the society used theoretical Serge Moscovici. In the methodology, used the critical-analytic method and bibliographic research, purpose show a intimate relation between the manner power showed for main character for to resist impositions of the society and social exclusions and the construction of the feminine identity in the analysis.*

Keywords: *Feminine Identity. Maternity. Prostitution. Relations of Power.*

Introdução

“A chave do amor”, trama central de uma compilação de contos ambientados na cidade de Parnaíba – *A chave do amor e outras histórias piauienses* – é mais uma narrativa de Assis Brasil que focaliza a prostituição como temática principal. O conto narra a história de Das Dores, uma prostituta de personalidade forte, com identidade autônoma e subversiva que se posiciona como sujeito nas relações de poder figuradas na trama.

A história começa com o questionamento de uma notícia de jornal sobre a morte de uma mulher que movimentou a cidade inteira recebendo honras de autoridade com a simbologia de luto por três dias. A notícia poderia não chamar tanto a atenção se fosse um homem, mas sendo uma mulher já despertou curiosidade.

A identidade de Das Dores, ainda uma incógnita, começa a ser investigada e questionada pelo repórter Otávio do Jornal da Manhã.

O chefe Rubi talvez tivesse razão – pensou Otávio – A notícia daquele jornal parnaibano estava incompleta, cheia de subterfúgios, de reticências, todo mundo podia perceber. Parecia esconder, de fato, muita coisa, talvez mesmo um escândalo que a cidade, comprometida, queria ocultar” (BRASIL, 2007, p. 92).

O início da investigação começa com perguntas informais dirigidas a Dona Isabel – proprietária da pensão onde estava hospedado, que se refere à personagem de forma evasiva e indefinida.

O trecho inicial do conto já aponta como as relações de poder salientadas no *corpus* da análise podem ser percebidas com relação ao processo de construção da identidade, principalmente a feminina, que é perpassado pelo poder e pelos discursos produzidos nas práticas sociais e culturais. Sabe-se que o exercício do poder, nas relações sociais, demarca fronteiras, posições e fabrica sujeitos. Nesse sentido, o processo de construção da identidade feminina é marcado pelo jogo da diferença que, em essência, é consubstanciado pela lógica da preterição.

O tema proposto na análise apresenta, dentre outras coisas, o processo de enredamento pelo qual passa a mulher, independentemente das condições sociais e materiais em que se encontra na sociedade. Dentro dessa ótica, construir uma identidade autônoma, escolhida configura-se numa luta sempre marcada pelo poder – poder de definir versus poder de resistir.

No conto, esse embate se manifesta através da tentativa de compelir uma identidade pressuposta contrária à escolhida pela personagem. Assim, a identidade de Das Dores é construída

na tenacidade de conciliar duas identidades aparentemente contrapostas – a maternidade e a prostituição.

Dessa forma, divide-se a análise do conto em três partes para melhor se compreender como a identidade feminina é construída dentro de uma sociedade falocêntrica. A primeira parte trata da representação social da prostituta na sociedade figurada no conto, tencionando-se apontar que a posição social da mulher é construída mediante discursos e relações de poder. A segunda parte aborda o processo de constituição da identidade perpassado pelo poder e pelas representações simbólicas. A terceira parte contempla a análise das relações de poder no conto em questão, com o intuito de se mostrar que a construção de uma identidade feminina autônoma será encarada como uma disputa de poderes em que, dialeticamente, uma parte tenta subjugar a outra. Esse embate apresentado no conto se dá entre a protagonista da trama ocupante de uma posição desprivilegiada disciplinarmente controlada e membros da sociedade hegemônica.

As Representações sociais da prostituta na sociedade figurada na obra

A sociedade moderna assentada em valores burgueses, geralmente marcada pela diversidade e heterogeneidade, na qual as diferenças encontraram terreno fértil para se fortalecerem e refletirem no seio desta, uma desigualdade de poder, gerou uma multiplicidade de representações em sociedades pós-modernas. Dentro desse ditame, o sistema representacional, em qualquer cultura, apresenta-se imerso em pontos de clivagens em que novas representações emergem, buscando incessantemente familiarizar algo não familiar e restabelecendo o sentido dos objetos representados. Isso se dá mais frequentemente, a partir de pontos de tensão, mesmo de fratura dentro das estruturas representacionais da própria cultura como, por exemplo, o reconhecimento da democracia e da igualdade de direitos e a sua negação a grupos minoritários dentro da sociedade. Um exemplo disso no conto “A chave do Amor” é a construção do muro cercando os barracões das prostitutas na Lagoa do Bebedouro:

- O prefeito, afinal, teve até uma boa idéia, mandar fazer o *muro* pra isolar a casa delas, daquelas mulheres, lá no Bebedouro. O senhor sabe, a cidade crescendo, novas casas, as famílias, as crianças, e o Bebedouro ficando cada vez mais exposto. E o prefeito fez o *muro*. É a zona, pelo menos a do lado do Igarapu, ficou conhecida como o *muro*. Quando a rapaziada quer ir até lá, é só dizer, “vamos ao muro, pessoal?” (BRASIL, 2007 p. 93 grifo do autor).

Também em perspectiva similar, os protestos, lutas e conquistas que tais fatos acarretaram geraram novas formas de representações.

O fenômeno das representações sociais, nesse sentido, é compreendido dentro dos processos sociais que, antes de tudo, são implicadores de diferenças dentro da sociedade moderna. Daí se compreende a insistência de grupos sociais em delimitar fronteiras entre o nós e o eles ou entre o eu e o outro como se pode perceber no trecho acima – o muro, no conto, é a simbologia da divisão de classes e da discriminação explícita existentes. Este binarismo fortemente enraizado nessa sociedade, por razões históricas e culturais, concorre para a estereotipia e a estigmatização de grupos minoritários vigentes até a atualidade; a relação entre as prostitutas e a sociedade no conto, por exemplo, é mediada por essa representação binária.

Serge Moscovici define representação como:

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará pessoas orientar-se em um mundo material e social e controlá-lo, e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social (2009, p. 21).

Nesse sentido, observa-se que as representações sociais não se referem apenas,

A um modo de compreender um objeto em particular, mas também como uma forma em que o sujeito (indivíduo ou grupo) adquire uma capacidade de definição, uma função de identidade, que é uma das maneiras como as representações expressam um valor simbólico (MOSCOVICI, 2009, p. 21)

Novamente, podem-se relacionar as citações de Moscovici à simbologia radical do muro cercando o barracão das prostitutas, pois se constitui numa forma de controle e de construção de identidade para as mulheres da Lagoa do Bebedouro, uma vez que passam a ser controladas e definidas por ele.

As prostitutas, dentro desse mundo simbólico de representações, são consideradas os objetos, os outros, assim como as mulheres de um modo geral, dentro da sociedade hegemônica, com a diferença de que aquelas – as prostitutas – inexoravelmente são impelidas a uma identidade estereotipada.

Identidade Feminina no conto “A chave do amor”

A identidade está extensamente discutida nos estudos feministas e estudos culturais. No cerne dessa discussão encontra-se a tensão entre duas concepções de identidade: a essencialista e a não essencialista.

A linha essencialista define a identidade como fixa e cristalizada fundamentando suas afirmações tanto na história quanto na biologia. O corpo é um dos locais onde se incide essa abordagem, principalmente no que concerne à maternidade e à identidade sexual. Uma definição não essencialista de identidade focaliza as diferenças e a multiplicidade de categorias inerentes à sua constituição como raça, gênero, sexualidade, classe, etnia, nacionalidade e outros, mostrando que ela, na verdade, é construída social e culturalmente por discursos e está ligada intrinsecamente a relações de poder.

Segundo Woodward, a identidade reúne alguns caracteres que devem ser levados em consideração como: o seu caráter relacional, a diferença, a marcação simbólica, os sistemas classificatórios, as condições sociais e materiais (2009, p. 15). Nessa perspectiva, depreende-se que a construção da identidade acontece nas relações de alteridade, ou seja, é ligada a sistemas classificatórios e às condições sociais e materiais sendo marcada simbolicamente pela diferença. Para a autora, “a marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido às práticas e às relações sociais definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são vividas” (2009, p. 14)

Os aspectos supramencionados demonstram a estreita ligação entre identidade e diferença. Silva menciona que “identidade e diferença são, pois inseparáveis” (2009, p. 75), pois para o autor a identidade é sempre marcada pela diferença a outras identidades, como por exemplo, a afirmação “sou brasileiro” só faz sentido dentro de um universo de referências de outras nacionalidades. A identidade nacional é frisada pelo autor como algo produzido social e culturalmente através do sistema linguístico e não como algo natural ou essencial.

Ao se referir aos atos linguísticos, Tomaz Tadeu da Silva (2009) salienta que, como produto da cultura e dos sistemas simbólicos, a identidade marcada pela diferença não se encerra em significados e/ou definições prontas e acabadas dos sistemas discursivos e simbólicos, pois enquanto sistema de significação, a linguagem possui uma estrutura instável.

Baseado na teoria pós-estruturalista de Jacques Derrida que diz que “o signo não coincide com a coisa ou conceito e que carrega sempre não apenas o traço daquilo que ele substitui, mas também o traço daquilo que ele não é” (1991 apud SILVA 2009, p. 79), ou seja, precisamente da diferença, Silva salienta que nenhum signo pode ser simplesmente reduzido a si mesmo, ou seja, à identidade, uma vez que a “mesmidade (ou a identidade) porta sempre o traço da outridade (ou da diferença)” (2009, p. 79). Com isso, o autor mostra que a identidade não é fixa, mas fragmentada, marcada pela indeterminação e pela instabilidade.

No mundo da homogeneidade, a identidade visível é somente a do outro, do anormal. Silva aponta ainda que a “força homogeneizadora da identidade normal é diretamente proporcional à sua invisibilidade” (2009, p.83). Observa-se assim, que a identidade oscila entre dois polos: de um lado tem-se a força homogeneizadora que tenta impelir uma “identidade pressuposta” (CIAMPA, 1993 p. 66) ao outro, ou seja, uma identidade posta visando à fixação e a estabilização; de outro, conforme Silva, “processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la” (2009, p. 84). Entretanto, a cultura hegemônica que pretende dominar por intermédio das relações de poder é problematizada pelo desconstrucionismo de Derrida que busca descortinar a oposição binária das identidades mostrando que a fixação da identidade é impossível.

Hall argumenta de forma persuasiva que:

A constituição de uma identidade social é um ato de poder, pois se uma identidade consegue se afirmar é apenas por meio da repressão daquilo que a ameaça. Derrida mostrou como a constituição de uma identidade está sempre baseada no ato de excluir algo e de estabelecer uma violenta hierarquia entre dois polos resultantes – homem/mulher etc. Aquilo que é peculiar ao segundo termo é assim reduzido – em oposição à essencialidade do primeiro – à função de um acidente. Ocorre a mesma coisa com relação negro/branco, na qual o branco é, obviamente, equivalente a “ser humano”. Mulher e negro são, assim, “marcas” (isto é, termos marcados) em contraste com os termos não – marcados “homem” e “branco” (2009, p. 110).

No conto “A chave do amor”, a referência à identidade de Das Dores é feita de forma indefinida através do uso do pronome demonstrativo “aquela” indicando muito bem que a constituição de uma identidade está no cerne da diferença e no ato de excluir algo conforme apontam Hall e Silva nas citações acima. O uso desse pronome é ambíguo na fala dos enunciadores; o repórter Otávio usa-o por desconhecer de fato a pessoa a quem se refere, entretanto, o seu uso por Dona Isabel é carregado de negatividade e, na fala dela, designa discriminação.

- Aquela mulher que morreu aqui. Quem na verdade era ela?
[...]
- Que mulher, meu filho?
- Aquela que teve um enterro bonito, quero dizer, muito concorrido, a senhora se lembra?
- Ah, aquela? – dona Isabel arregalou os olhos e colocou de volta os óculos.
- Enterro com padre, o prefeito, as autoridades daqui, banda de música – a que faz retreta na Praça da Graça – e quase toda a cidade presente – ajuntou Otávio mostrando o recorte do jornal: - Está aqui a notícia do *Norte*.
- Era a Das Dores – disse dona Isabel com certa *indiferença* – Uma *daquelas mulheres da Lagoa do Bebedouro* (BRASIL, 2007 p. 93 grifo nosso)

A referência às mulheres da Lagoa do Bebedouro é sempre discriminatória. Isso porque essas mulheres são prostitutas. A diferença entre as prostitutas, moças e mulheres de

família, no conto, é marcada e definida pelo local onde as mulheres de vida licenciosa habitam – a Lagoa do Bebedouro. Outro marcador linguístico é o uso do pronome “aquela” já mencionado anteriormente.

No contexto da construção das identidades, as mulheres da Lagoa do Bebedouro, enquanto prostitutas, são vistas pela sociedade figurada, como transgressoras dos bons costumes e dos valores morais e, portanto, são relegadas ao nível de coisa sendo marginalizadas por possuírem uma identidade associada ao sexo. O isolamento social delas, representado literalmente pelo muro, mostra bem o ato de a sociedade tentar separar e punir transgressões conforme citação acima. De acordo com Woodward, “as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença, e essa marcação ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social” (2009, p. 39). Assim se dá o relacionamento, a identificação e a representação dos sujeitos femininos que habitam a Lagoa do Bebedouro.

Na continuação da conversa com dona Isabel, Otávio fica sabendo da identidade estereotipada de Das Dores – prostituta. Nos trechos seguintes, percebem-se como os membros da sociedade imbuídos de poder conseguiram cercar a vida de Das Dores.

- Dona Isabel, Das Dores teve filhos? [...]
- Isso mesmo. Ela teve muitos filhos que estão sendo criados ou foram criados por gente importante aqui da cidade.
- “Eis a questão” – pensou Otávio
- Filhos dela? Ele insistiu – criados por gente daqui?
- Gente boa daqui, boas famílias.
- [...]
- Mas Das Dores não era uma mulher... uma mulher...
- Da vida, é o que o senhor quer dizer? Pois é.
- Ela dava os filhos?
- [...]
- Das Dores dava os filhos, não tinha outra saída – afirmou dona Isabel – com o negócio dela, não podia criar os meninos lá no *muro*, no meio das outras. (BRASIL, 2007, p. 95 grifo do autor)

A identidade autônoma se manifesta nos seguintes trechos:

- “- E Das Dores [...] Por que não largou essa vida?
- Isso é o que muita gente tem perguntado e ainda pergunta. Principalmente os pais adotivos dos meninos. Eles sempre quiseram que Das Dores sáisse daqui. E ela dizia, mãos nas cadeiras, *desafiadora*:
- Pra que sair daqui, Nevinha? Pra quê? Pra fazer o quê? Ser empregada deles? Não tenho instrução, não posso arranjar um emprego. Trabalhar nas fábricas de sabão e de tecidos? Já estou muito velha pra isso”.
- Um dia padre Roberto disse assim pra ela:
- Olhe, Das Dores você fica lá na Igreja, arruma o altar, a sacristia, muda as toalhas, cuida do jardim, tem o seu emprego. Não pode ficar nessa vida.

- Não posso padre? E as minhas amigas? Elas podem? O senhor arruma emprego pra todas elas? (BRASIL, 2007 p. 108 grifo do autor)”.

Ao assumir a sua posição enquanto prostituta, identificando-se com a profissão e responsabilizando-se pelas outras, Das Dores demonstra poder e autonomia feminina.

Entre a maternidade e a prostituição, a personagem desenvolveu uma personalidade forte consubstanciada por suas múltiplas identidades – mãe, prostituta, pobre, nordestina, madame do prostíbulo e outras, de forma que, nas relações sociais, o seu poder, ou melhor, o seu micropoder também emergisse. Foi assim que pôde exigir dos adotantes de seus filhos o direito de vê-los e de ser reconhecida como mãe por seus doze filhos, apesar da profissão que exercia.

Na tentativa de construir uma nova identidade para Das Dores, uma identidade pressuposta como diz Ciampa (1993, p. 66), padre Roberto usava um discurso sedimentado por valores patriarcais: “- Mulher, você não se envergonha de seus filhos? Eles estão crescendo e vão saber de tudo, de tudo, que a mãe rebelde não quis largar o pecado. [...] Um pecado hediondo” (BRASIL, 2007 p. 110 grifo nosso).

Conforme Woodward, os discursos sobre a maternidade possuem predominância cultural: a da boa mãe, da mãe normal (2009, p. 58). Ser mãe e prostituta pareciam ser identidades que não se coadunavam. Entretanto, Das Dores, consciente de sua posição de sujeito mantém sua identificação com a classe: “- Olhe, padre Roberto – ela disse – Quando meus filhos crescerem vão saber de tudo [...] e se quiserem me perdoar, que me perdoem. (BRASIL, 2007 p. 110)”.

Das Dores tentou, através de sua identidade feminina, conciliar maternidade e prostituição. Seus filhos aprenderam a respeitá-la mesmo exercendo uma profissão marginalizada. Entretanto, a cultura, as práticas sociais e as relações de poder moldam os comportamentos e as identidades dos sujeitos. É o que se percebe no seguinte diálogo entre Genoveva e Otávio: “- Mamãe está morta – ela voltou a falar – A sua vida está morta. Tudo passou, acabou. Desceu já uma cortina sobre a história toda. O tempo apagará as sobras”. (Idem, p. 117, grifo nosso)

Genoveva, filha de Das Dores, criada nos padrões cristãos religiosos fazendo parte de uma sociedade hegemônica, cristã, heterossexual e normal, vê na morte da mãe o fim de uma identidade estereotipada e marcada pela diferença. Todavia com uma de suas identidades associadas à prostituição da mãe, Genoveva aprendeu a conviver com o fato, construindo novas identidades para apagar o rancor – tornou-se recatada, estudiosa e católica praticante.

Habituei-me com os livros, coisa importante para a formação das pessoas. [...] Agora mesmo estou lendo a Bíblia, um livro notável da sabedoria, de amor, um livro que nos dá, sem dúvida, um padrão moral e religioso a seguir (Idem, p. 119).

Segundo Woodward:

A subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade (2009, p. 55).

Com uma identidade inversa a da mãe, Genoveva construiu um contrauniverso através do qual tentou se desvencilhar da identidade da mãe. Esse fato demonstra que a identidade não é essencial ou fixa, mas relacional, múltipla, fragmentada, marcada pela diferença e pelas relações de poder.

Relações de poder no conto “A chave do amor”

As relações de poder imbricadas nas relações sociais figuradas no conto marcam posições bem definidas para os sujeitos femininos fazendo-os oscilar, se fragmentar e a se mostrar de diferentes modos, pois a trama apresenta um mundo social simbolicamente marcado por valores patriarcais repletos de normas e regras de boa conduta para serem seguidas principalmente pelo sexo feminino.

Em “A chave do amor”, a disputa de poderes é vista através da interação da personagem central com outras personagens, principalmente na manifestação e exercício dos micropoderes frente ao poder homogeneizador daqueles que se encontram em posições sociais privilegiadas.

Dentro desse viés de produção simbólica e discursiva, Silva diz que “a identidade está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas” (2009, p. 81).

As relações de poder conforme a citação acima está fundamentalmente imbricada ao processo de construção de identidade. O poder de definir demarcando fronteiras entre o nós e o eles, de incluir e de excluir, de classificar mediante padrões hierarquizados se configuram em formas pelas quais as relações sociais acontecem e em evidentes indicadores de posições ocupadas pelos sujeitos na sociedade.

As relações sociais subsidiadas pelas relações de poder tendem a se traduzir em binarismos assimétricos no qual um dos termos é sempre privilegiado em detrimento do outro,

insuflando a fixação de uma identidade sobre o outro que se manifesta através do processo de normalização – meio pelo qual o poder emerge.

Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente a identidade (SILVA, 2009, p. 83)

A construção do muro pelo prefeito representa, no conto, a demarcação de fronteiras, a exclusão das prostitutas do seio da sociedade. As relações de poder inerentes a esse fato são claramente manifestas. Por intermédio do muro, o prefeito, de sua posição hierarquizada, impõe limites à liberdade das prostitutas isolando-as em um mundo particular e disciplinarmente vigiado.

- Uma daquelas mulheres? E porque o prefeito decretou luto oficial por três dias? Ela pertencia a alguma entidade pública? [...] – à Legião Brasileira de Assistência, por acaso ou à Associação Parnaibana de letras, ou coisa assim?
- Dona Isabel deu uma estrondosa gargalhada. [...].
- Nada disso, moço [...] Depois da ponte sobre o rio, quase acabando com o trabalho dos canoeiros, mandou fazer o *muro*.
- O *muro*? Que *muro*, dona Isabel?
[...] Ora, o *muro*, cercando o barracão daquelas desvalidas.
- Me diga que *muro* é esse.
(BRASIL, 2007 p. 93 grifo do autor).

Essa situação remete aos sistemas classificatórios mencionados por Woodward que mostram como as relações sociais são organizadas e divididas (2009, p. 14). Os sistemas classificatórios giram em torno da diferença e das formas pelas quais elas são marcadas. Essa diferença é concebida por meio dos sistemas simbólicos, “os quais distinguem o sagrado do profano, o limpo do sujo e o cru do cozido” (2009 p. 54). O muro enquanto simbologia da diferença e do poder atua para produzir identidades estereotipadas. Além disso, é uma forma de demonstração do poder hegemônico e do poder disciplinar mencionado por Foucault, através dos quais a sociedade pretende adestrar o outro com o olhar hierárquico e a sanção normalizadora (1987, p. 143).

De acordo com a concepção do prefeito e do povo da cidade, a ordem social deve ser mantida. Sobre isso Woodward mostra que “há entre os membros de uma sociedade, um certo grau de consenso sobre como classificar as coisas a fim de manter alguma ordem social” (2009, p. 41). Além disso, argumenta que:

Separar, purificar, demarcar e punir transgressões têm como sua principal função impor algum tipo de sistema a uma experiência inerentemente desordenada. É

apenas exagerando a diferença entre o que está dentro e o que está fora, acima e abaixo, homem e mulher, a favor e contra, que se cria a aparência de alguma ordem (2009, p. 41).

A problematização do binarismo foi reforçada pela teoria de Foucault sobre a genealogia do poder. Para o autor as relações de poder implicam resistência e não somente dominação, pois não é algo que se detém, mas se exerce dialeticamente. O poder não é algo natural concentrado nas mãos de um dominador, mas disperso em todas as esferas sociais em forma de micropoderes.

O poder não é algo que se detém como uma coisa, como uma propriedade, que se possui ou não. Não existe de um lado os que têm o poder e de outro aqueles que se encontram dele alijados. Rigorosamente falando, o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder (FOUCAULT, 1979 p. 14).

De acordo com a concepção de Foucault, “onde há poder há resistência” (1988, p. 105). Nesse sentido, o indivíduo, no processo de construção de sua identidade, se individualiza ainda mais. Esse poder, Foucault chamou de poder disciplinar que não é aquele que reprime, mas que controla através da vigilância.

A ação sobre o corpo, o adestramento do gesto, a regulação do comportamento, a normalização do prazer, a interpretação do discurso, com o objetivo de separar, comparar, distribuir, avaliar, hierarquizar, tudo isso faz com que apareça pela primeira vez na história esta figura singular, individualizada – o homem – como produção do poder (FOUCAULT, 1979 p. 20).

Ao se pensar o sujeito feminino dentro dessa perspectiva, deve-se considerar seus estereótipos e ao mesmo tempo suas múltiplas identidades. Em torno da identidade feminina existem vários marcadores sociais – raça, gênero, sexualidade, etnia, classe, religiosidade, nacionalidade e outros, definindo diferentes posições de sujeito e, principalmente, estabelecendo diferenças e fronteiras entre aquelas que participam de uma sociedade hegemônica masculina, heterossexual e cristã e aqueles que se afastam desse paradigma. “Essas distintas posições podem se mostrar conflitantes até mesmo para os próprios sujeitos, fazendo-os oscilar, deslizar entre elas – perceber-se de distintos modos” (LOURO, 2008 p. 51).

A consciência de não poder criar os filhos num prostíbulo mostra a sujeição de Das Dores ao poder impelido sobre ela e aos valores patriarcais e cristãos. Entretanto, esse processo fez com que ela se tornasse vista e reconhecida por essa ação. Sobre isso Butler diz que “sujeição significa o processo de se tornar subordinado pelo poder, bem como o processo de se tornar sujeito” (1997 apud AZERÉDO 2007, p. 29).

A maternidade, para Das Dores, era uma simbologia de poder, de autonomia e de realização pessoal, pois era através dela que se relacionava com o mundo, que se mostrava como sujeito e não como objeto. Segundo Beauvoir, “na futura mãe abole-se a oposição sujeito e objeto. Na gestação, apresenta-se como criadora, e a sociedade a reveste de um caráter sagrado” (1980a, p. 262-263). “- Mas essas mulheres evitam ter filhos [...] /- Ao que se sabe ela não evitava, e até se exibia mostrando a barrigona todo ano” (BRASIL, 2007 p. 95) / [...] Das Dores vivia dizendo que pegava filho até pelo vento” (BRASIL, 2007 p. 106).

Embora, nas relações sociais, se perceba o respeito a esse direito, o poder que emerge nessas relações é o de demarcar fronteiras e de definir posições. Isso é observado no trecho abaixo:

E esperou pelo filho, mas sabia que o filho podia voltar, voltava para vê-la, embora tudo fosse *meio escondido* pelo padre, para que a cidade não participasse de tudo – o padre queria evitar a sociedade daqui, conhecendo bem como ele conhece essa gente. (BRASIL, 2007, p. 104, grifo nosso).

Nas relações de poder entre Das Dores e os membros da sociedade, sempre imperavam o preconceito e a diferença. As senhoras que apareciam no muro à procura dos filhos de Das Dores apareciam sempre em surdina, com chapéu e véu no rosto para não serem reconhecidas.

A maternidade e a prostituição produziram uma identidade múltipla e fragmentada na personagem. Nas relações de poder, a identidade feminina de Das Dores se manifestava ora autônoma ora subordinada. A subordinação configura-se na ação de dar os filhos e de receber mantimentos em troca:

- E o que davam pra *Das Dores*, dona Nevinha?
- Queriam dar dinheiro, Das Dores nunca aceitou. Pra dizer que nunca aceitou nada, Das Dores recebia, às vezes, algum mantimento de boca, como se fala, arroz, feijão, farinha, essas coisas, porque dizia que não era só pra ela, mas para todas nós.
[...] e quando alguém oferecia dinheiro, “dinheirinho pra ajudar nas suas despesas”, ela fechava a cara, ficava amuada de verdade. E gritava que os filhos dela não estavam à venda, que não eram escravos pra serem vendidos, nem mercadoria barata de feira pública (BRASIL, 2007 p. 107).

A presença do padre, nessas relações de poder, é de conciliação, mas também de enredamento, de demonstração de poder:

[...] Das Dores foi ouvir primeiro o padre, foi uma espécie de consulta a ele, se não iria se comprometer perante Deus, como vendedora dos próprios filhos.

- Não senhora, Das Dores, nada disso – falou o padre – o que você está recebendo ou recebe é um reconhecimento da cidade inteira, pelo seu sacrifício, pela sua renúncia. Um reconhecimento do povo, da prefeitura, da igreja, das pessoas de coração bom (BRASIL, 2007 p. 107).

A autonomia de Das Dores e as relações de poder se manifestam também no trecho seguinte:

- “Olhem, meninas, o prefeito está nos oferecendo um trabalho honesto, como ele diz”:
- “[...] trabalho de gari” – ele disse;
- “Gari? Que bicho é esse?”
- “Ele quer que a gente vá varrer ruas” – disse Das Dores – “Por mim tudo bem, mas sei que o meu reumatismo não vai me ajudar” – as meninas gargalharam – “Agora, se vocês quiserem esse emprego, fica a critério de cada uma”.
O prefeito foi quase enxotado daqui. [...] Mas não faltou alguém pra passar isso na nossa cara: que serviço honesto não tinha sido feito pra gente, que todas estávamos viciadas na vida de mulher mundana.
Às vezes ela brincava com a gente:
- “Vocês já imaginaram a prefeitura e a igreja de Parnaíba cheias de quengas trabalhando? Os marinheiros, os conhecidos, passando e debochando, soltando piada. *Pega no cabo da vassoura direito, Das Dores. A Nevinha cisca a rua como uma galinha velha.* (Idem, p. 109 grifo do autor)

É comum, nas relações de poder, um dos sujeitos do discurso, principalmente aquele que se encontra numa posição hierarquizada privilegiada, inflar uma identidade sobre o outro. É o que se percebe nessa tentativa de dar uma nova identidade a Das Dores e a suas companheiras. Para Baumam:

A identidade parece um grito de guerra usado numa luta defensiva: um indivíduo contra o ataque de um grupo, um grupo menor e mais fraco (e por isso ameaçado) contra uma totalidade maior e dotada de mais recursos (e por isso ameaçadora) (2005, p. 83).

Assim, a maternidade e a prostituição de Das Dores congregam identidade feminina e poder de resistir aos discursos e às situações de discriminação.

Considerações Finais

A análise realizada no conto “A chave do amor” de Assis Brasil nos mostrou que o processo de construção da identidade feminina é uma luta constante e proeminente tanto numa sociedade patriarcal, cheia de normas e valores, como é caso da sociedade figurada pelo autor, quanto numa sociedade contemporânea na qual as mulheres se encontram mais livres e com muitos

direitos já conquistados. Das Dores, como representante de uma mulher que, apesar dos preconceitos, não se abate frente aos obstáculos nem se deixa absorver por opiniões alheias, manteve-se firme no seu papel de mãe e prostituta. Esse fato deixa entrever que a identidade não se traduz exclusivamente em binarismos e, embora seja marcada pelo jogo da diferença e das relações de poder, traz em seu cerne o caráter da individualidade.

Em “A chave do amor” Assis Brasil explora, principalmente, o caráter humano em seus aspectos universalizantes, sem esquecer claro, de através dele, mostrar as mazelas sociais e uma sociedade hierárquica e preconceituosa. Todavia, se percebe, também, que o autor dá voz àquele que aparenta ser pequeno e oprimido como é o caso de Das Dores. Com isso, desconstrói valores e nos apresenta uma literatura esteticamente subversiva. A história de Das Dores, bem como de outras personagens como Cota de A filha do Meio-quilo, Cremilda de Beira Rio beira vida são exemplos contundentes de que a construção de uma identidade feminina autônoma, nessa sociedade hierárquica, é marcada realmente por relações de poder que, dentre outras coisas, imprimem ao outro, geralmente, uma identidade estereotipada. Entretanto, o autor nos apresenta, no conto e nas supracitadas obras, os extremos de dois mundos: o mundo individual e o mundo social e isso nos faz acreditar que uma identidade impelida é sempre preterida em relação à escolhida. Assim viveu Das Dores, Cota, Cremilda e outras personagens de Assis Brasil – ora senhoras de si ora submergidas pela engrenagem social. Tal fato lembra que as práticas hegemônicas de poder convivem com as práticas dos micropoderes – amálgama que Assis Brasil transpõe aos enredos nas vozes que representam e nas que se contrapõem à ordem vigente. Isso, no contexto do conto “A chave do amor”, advém da lucidez com que o autor desnuda as contradições da sociedade e nos faz refletir sobre a própria condição do ser humano.

REFERÊNCIAS

AZERÉDO, Sandra. *Preconceito contra a mulher: diferença, poemas e corpos*. São Paulo: Cortez, 2007.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo* v.1 Fatos e Mitos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo* v.2 A Experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BRASIL, Assis. *A chave do amor e outras histórias piauienses*. Rio de Janeiro: Imago, 2007

CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In: LANE, Silva T. e CODO, Wanderley. *Psicologia Social: o homem em movimento*. 3 ed. São Paulo; Brasiliense, 1985.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Tradução de Roberto Machado. 26.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 19.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. 25 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

Rita de Cássia Barros Assunção

Mestre em Letras pela Universidade Federal do Piauí com área de concentração em Estudos Literários. Especialista em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual do Piauí. Atualmente é professora da Faculdade Vale do Itapecuru - FAI, da rede Estadual e Municipal de Ensino na cidade de Caxias-Ma. É coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Divulgação Científica da Faculdade do Vale do Itapecuru e Coordenadora da área de Língua Portuguesa da Secretaria Municipal de Educação de Caxias. E-mail: ritanead@hotmail.com

Recebido em 30 de dezembro de 2013.

Aceito em 30 de abril de 2014.